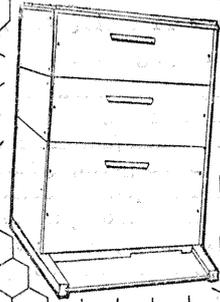


# A Colméia



ANO 1º. — O JORNAL DE SANTA MARIA PARA TODO O BRASIL — Nº. 2

Jornal Técnico de Apicultura, Agricultura.  
"Cultura e História"  
Edição Mensal  
Termo de depósito do registro Nº. 1078  
Assinatura anual: Cr. 10,00

Proprietário: Diretor e Editor :  
Bruno Schirmer  
97.100 Santa Maria — 1.º de setembro de 1971  
Rua Duque de Caxias 1295  
Rio Grande do Sul Brasil

Enderêço telegráfico e fonográfico «A COLMÉIA»

## EDITORIAL

Está aí o segundo número de «A Colméia». O primeiro número teve excelente recepção, foi muito além da nossa expectativa.

Mandamos 15 números para todas as Associações e 1 número para todos os endereços conhecidos de apicultores. Há milhares de apicultores (ou ex-apicultores), que precisam receber ainda o 1º número.

Este 2º número, as Associações receberão apenas um número e esperamos que os assinantes se manifestem. As assinaturas serão aceitas anualmente, o pagamento é fácil. O assinante deverá ir a um dos seguintes bancos: Banco do Brasil S. A., União de Bancos Brasileiros, Banco Brasileiro de Descontos (Bradesco). No Brasil e no estrangeiro fica também autorizado o First National City Bank, para receber o valor das assinaturas, constantes no recibo, que é destacável do próprio jornal.

No 1º número, este recibo está com falhas, por isso, vamos trazê-lo novamente, mais completo neste 2º número.

A impressão do 2º número já melhoramos, colaboradores ainda não se apresentaram.

A minha viagem à Europa, «Em Procura da Abelha Negra», vamos trazê-la em continuações. Como em uma novela, irão perguntar: — Onde encontrou-as? Sim encontrei as últimas remanescentes legítimas destas abelhas, puras em um grande apiário.

O Brasil nunca teve a abelha nigra alemã. Aqui, procurei encontrá-la, durante 35 anos, onde me indicavam a abelha preta, sempre achava a Cárnica Brasileira.

Dizem os entendidos, inclusive o amigo, Prof. Dr. Ruttner, que a a-

belha Ibérica é originária da abelha chamada do Teu, da África.

Eu pergunto, por que esta abelha e tão conhecida a Cárnica? Será que em tempos remotos não emigrara para o Teu? Já constataram 68 tipos pertencentes à abelha Cárnica, por que não pode haver mais uma? Por esta e outros razões, continuo estudando apicultura com afinco.

Nos próximos números, pretendo transcrever dois artigos publicados pelo jornal «As Abelhas», de Portugal. Um artigo é «Abelhas Africanas e Suas híbridas», por Coriolano Francisco Caldas Filho, um artigo de muito valor; o outro é «Abelhas Africanas», de Armênio Alvin Barroso.

Estes dois artigos serão transcritos «ipsis literis» e depois serão por mim comentados.

Uma coisa é certa, o jornal «A Colméia» existe para trazer exclusivamente fatos verídicos, elucidantes e instrutivos, que milhões de brasileiros deviam ler, dizendo e escrevendo exclusivamente a verdade. Só uma meia dúzia de mentirosos e desonestos exploradores da boa fé, sentir-se-ão atingidos.

Se for necessário até, citarei nome: por nome, fato por fato.

Mais uma vez ou quantas vezes for preciso, direi que a oposição destrói e a colaboração constrói.

Precisamos fazer oposição, para destruir a mentira, que falsos profetas pregam por aí, dizendo que a abelha africana trabalha mais do que qualquer outra e que vai jorrar mel, enquanto nos falta o mel nosso de cada dia.

Procurarei esclarecer o povo brasileiro, até à vitória final ou até o glorioso fim.

O Diretor

## Excursão à Europa em busca da abelha Nigra Apis Mellifica Mellifica

Em 1962 fui convidado pelo Magnífico Reitor da Universidade Federal de Santa Maria, para organizar a apicultura da Universidade. Desde 1933, já éramos conhecidos através da apicultura, ele como médico, conhecedor do mel na terapêutica e na alimentação humana; eu, como apicultor e expositor de favos de mel e auxiliar instrutor de apicultura, na Exposição do Parque Imembui, em 1938.

Começamos a fazer as 30 primeiras colméias e a planta do apiário da Universidade.

Os anos de 1962, 1963 e 1964 foram excelentes, no Rio Grande do Sul, para a apicultura. Todos queriam aprender apicultura prática. Começou-se a fazer cursos de apicultura.

Como autor da colméia Schirmer (30% mais de produção que qualquer outra colméia) e outros inventos, fui convidado a ministrar aulas de apicultura. Procurei atender a todos chamados, a contento geral dos que desejavam aprender.

Assim, tornei-me professor de apicultura, porque eu ensinava de fato, e não de direito, porque nunca recebi nenhuma verba ou pagamento e nem nomeação oficial, o que mesmo nunca aspirei.

Já na época de 1950, possuía uma vasta literatura apícola, escolhida, que era meu passatempo nas horas de descanso.

Pratiquei e estudei a apicultura desde 1935 (comecei a estudar no livro «O Apicultor Brasileiro,» em 1932). Já possuía abelhas e as criava desde a infância. O amor à apicul-

Continua na 2ª página

**EXCURÃO A EUROPA**

Continuação da página 1

tura já me havia sido inculcido por meu pai, antes de 1912.

Apos 1962, verifiquei «in loco», como nosso povo em geral, ignorava a apicultura. Foi aí que me dediquei cada vez mais aos estudos, aprofundando-me mais, para poder ensinar e responder aos meus alunos qualquer pergunta.

Enquanto isso, em São Paulo, já tinha sido «distribuído» as abelhas bastardas africanas, que na minha boa fé ainda acreditava que se tratava na verdade, da abelha adansonii.

Revoitei-me, quando vi na Europa, pela primeira vez, a legítima abelha Adansonii, que é uma esbelta abelha, cor de amarelo limão, com anéis marrons no abdômen.

Confrontei-a com a abelha bastarda, trazida pelo Kerr, com desprezo e revolta. Logo fui «neutralizado» por bajuladores, porém a semente que eu tinha semeado já começara a dar frutos.

Foi em 1966, que resolvi então fazer uma viagem à Europa e Oriente Médio, comprando passagem à Frankfurt — Milão — Roma — Beirut. Chegando à Alemanha, fui informado pelo Prof. Dr. Friedrich Böttcher, do Instituto de Pesquisas Apícolas de Erlangen, na Baviera, que um seu colega dos bancos de escola primária o Brother Adam, de Buckfast, havia feito uma viagem de três anos pela Europa, África e Oriente Médio, todo sul da Europa e escrevera um livro, que ainda estava no prelo (ia sair na festa do centenário da Associação de Apicultura de Freiburg, em 26 de agosto de 1966), e que eu podia economizar tempo e dinheiro, que o livro que o Dr. Böttcher conhecera pelo manuscrito, continha muito mais do que eu procurava.

Assim foi, comprei e li este livro repetidas vezes. Fiquei conhecendo por este intermédio, muito mais do que eu poderia ter pesquisado, inclusive conheci o Brother Adam pessoalmente.

Como já havia explicado antes, eu estava sendo alvo de perguntas, nas aulas e diante de tão pobre literatura aqui existente, resolvi partir em fins de julho de 1966, como segue:

**Meu Diário, anotado em resumo quase todos os dias, em um caderno de 150 folhas.**

**Dia 24/7/66** — Às 13 horas, parti de Santa Maria à Pôrto Alegre. No dia seguinte, fui ao Consulado Alemão para o visto do passaporte e lá me informaram, que se ficasse menos de três meses na Alemanha não precisaria de visto.

**Dia 25/7/66** — À tarde fiz meus

travé-checks na First National City Bank, comprei na Exprinter marcos alemães. Telegreiei ao meu irmão, capitão Pedro, no Rio de Janeiro.

**Dia 26/7/66** — Às 13 horas parti de Pôrto Alegre, no avião turbo-hélice da VARIG, ao Rio, marcando todo o dia de 27, quando Pedro comprou para mim mais algumas centenas de marcos alemães, e marcamos na agência de Copacabana o dia e a hora da partida do Boeing 707, para Frankfurt, com escala em Lisboa e Paris (Orli).

**Dia 28/7/66** — Após o jantar, com Pedro e Terezinha, minha nora, levaram-me ao Galeão, a nora marcada para a saída era às 23 horas. Às 23,15 horas levantamos voo rumo a Lisboa; foram 9 horas e 30 minutos de voo, todos passageiros desceram, o avião foi reabastecido enquanto muitos passageiros ficavam em Lisboa, os outros banquetevam-se no restaurante, e recebiam vinho gratuitamente, para tomar e levar pequenas garrafinhas.

Durante o voo, na região do Equador, o avião caiu num buraco de ar, as turbinas faziam um estranho barulho, assim como se despejassem sacos de garrafas vazias na terra (ra-ta-ta-tat). Foi um pouco desagradável, porém logo estabilizou-se os 120 passageiros a bordo não entraram em pânico.

**Dia 29/7/66** — Chegamos, com pouco mais de 30 passageiros a bordo. A maioria já tinha desembarcado em Lisboa e Paris (Orli), era 17 horas da tarde, horário da Europa Central.

Do aeroporto internacional de Frankfurt, am Main, os passageiros foram em ônibus lotado com suas bagagens até à estação central (Hauptbahnhof). No percurso tive a melhor impressão do velho mundo: casas bonitas, hortas e jardins, tudo limpo, muitas flôres, era verão.

Chegados no Hauptbahnhof, os passageiros rapidamente se dispersaram. Ainda não sabia procurar um hotel, tomei um táxi e disse ao motorista que me levasse a um hotel de categoria média e o homem me respondeu que me levaria ao «Frankfurter Hof».

Lá chegando, fui recebido em inglês e perguntei se ali não se falava alemão. Levaram-me de elevador ao 1º andar, quarto com banho, no 1º pernoite paguei com café da manhã 58,00 marcos, achei uma explosão.

Em Frankfurt havia muito mais negros e mulatos do que em Pôrto Alegre, isto deu-me uma impressão esquisita, eu pensava que estava na Alemanha. Quando encontrava um jeito, perguntava ao mulato ou negro alguma coisa em brasi-

leiro, e eles nunca respondiam, creio que não me entendiam.

**Dia 30/7/66** — Pela manhã fui à Agência da Varig, o gerente, Sr. Silvio Böck, paulista nato, solícito como todos os brasileiros, deu-me umas valiosas informações. Ensinou-me que quando se chega ao Hauptbahnhof, estação central, deve se dirigir ao Informatios-Büro. Lá ficasse na fila e pergunta-se se tem hotel disponível. A secretária ou funcionária, muito agradável, pergunta até que preço a pessoa pode pagar ou quer pagar o hotel.

Conforme a categoria do viajante, pede-se 10,00 D.M., 9,00 D.M., 12,00 D.M., 18,00 D.M. e assim por diante. A moça vê na lista dos hotéis da categoria solicitada, confirma se estes estão ou não ocupados. Porém, se tem de 14,00 marcos ou somente de 17 marcos dizemos se nos serve, então ela liga o telefone para o hotel, confirma o quarto com o nome do solicitante, paga-se 0,30 marcos pelo telefonema.

Recebe-se um mapa desta parte da cidade, com o hotel marcado com a rua e o número e a seguinte advertência: «pode tomar o bonde, não precisa táxi». Nos bondes paga-se pequena taxa pela mala grande».

Eu sempre tomava um táxi, que custa mais barato. Além do taxímetro, o chofer não exige gorjeta, como o sistema francês.

Chegando ao hotel preenche-se uma ficha, que vai à polícia. Nos primeiros dias de estadia na Alemanha, ainda não tinha visto um policial ou um guarda de trânsito. Mais tarde eu soube, que quem fiscaliza o trânsito são civis aposentados, todos contribuem com a ordem e não infração.

Voltei ao hotel, paguei, chamei um táxi, levei as malas a estação central e às 1 hora embarquei para Heidelberg, parece que é a mais célebre cidade da Alemanha, onde se fabrica as melhores máquinas gráficas do mundo e os melhores instrumentos de medicina, além da grande indústria pacífica e cultural.

Por convenção internacional, esta cidade nunca foi bombardeada pelos aliados na Segunda Guerra. Foi outrora a residência dos condes da Pfalz e seu castelo foi construído no século XIII e reformado em 1.400 a 1605.

Sua torre foi dinamitada em 1689, pelos franceses, sob o comando de Mélaç, foi reconstruído em parte e em 1764 novamente destruído pelo fogo. Castelo de Renaissance — é uma das 14 construções mais importantes da Renascença na Alemanha.

Chegando à Heidelberg, conse-

(Continua no próximo número)

### Como organizar um apiário

- 1 — Todo sucesso da apicultura depende de uma boa colméia, moderna e mobilista, onde um enxame de abelhas possa se desenvolver de acôrdo com a natureza e bons conhecimentos técnicos.
- 2 — A colméia não deve ser comprida e estreita, pois contraria o desenvolvimento harmônico da ninhada. Já existem minuciosos estudos sobre os diferentes feitiços de colméias: 44cm de comprimento, 33cm de largura e 29,5cm de altura.
- 3 — Escolher uma boa abelha. A melhor abelha, é a que está aclimatada e se encontra espalhada em nossos matos, de cor cinzenta escura, confundida como preta, é a Cárnica.
- 4 — A povoação da colméia mobilista se faz por intermédio de enxame (quando tem), e por meio de transplante de uma colméia rústica.
- 5 — A colméia rústica, ou caixão de abelha, devem ser abolidas o quanto antes.
- 6 — Uma colméia rústica quase nunca dá 10 kg de mel por ano. Com uma colméia mobilista é comum se colher 80 kg de mel ou mais por ano. Na colméia rústica o apicultor nunca pode examinar o estado de saúde e de nutrição e por isso morrem todos os anos grande quantidade de abelhas. Na colméia mobilista temos todos os favos dentro de caixilhos, que podem ser retirados um a um para verificação.
- 7 — Para pegar um enxame, a colméia é preparada com antecedência. Os caixilhos devem ser preparados ou providos de lâminas de cêra alveolada em pequenas tiras coladas na parte superior do mesmo, bem no centro do sarrafinho, senão as abelhas emendam os favos atravessando os caixilhos, impossibilitando o movimento. Com a lâmina de cêra centralizada não acontece confusão na construção dos favos.
- 8 — O apiário, de preferência, deve ter um abrigo coletivo, com um carreiro de colméias. Em um estaleiro feito de dois caibros, com 5,5m cabem 12 colméias. Quando tem dois andares, dificulta muito o trabalho. A altura do solo deve ser de 40 cm e a cobertura com telha de zinco é muito aconselhada, pois evita a concentração de inimigos das abelhas.

9 — Para pegar um enxame de abelhas na colméia mobilista, retira-se uns 5 caixilhos do centro da colméia, colocando ali o enxame, diretamente do galho ou por intermédio de um balde ou outra vasilha. Em seguida recoloca-se os caixilhos e tampa-se a colméia. Seis dias depois coloca-se encima da incubadora a 1<sup>a</sup> sobre-caixa, cujos caixilhos devem ser providos com lâminas inteiras de cêra. Se a florada fôr muito boa, dentro de 3 dias pode-se intercalar entre a 1<sup>a</sup> sobre-caixa, com todos os caixilhos providos de lâminas de cêra. Não é rendosa uma colméia que não tem duas sobre-caixas.

### GOETHE COMO APICULTOR

O grande poeta, professor e escritor, Goethe também era apicultor. Desde 1776 êle possuía um apiário.

Em seu diário e em suas palestras com Eckermann, é muitas vezes mencionado seu conhecimento prático da vida das abelhas.

Com grande interesse êle seguia o desenvolvimento da apicultura prática até avançada idade.

Em sua biblioteca particular achavam-se as seguintes obras de apicultura:

— Tratado Sobre Apicultura Econômica e Física na Turíngia — J.P. Baumer; Ansbach — 1774;

— Ensino da Apicultura na Baviera — Anton Korsemka, Augsburg — 1773;

— Manual para o mais Simples Trato das Abelhas e as Mais Novas Experiências — Johann Ernst Werner — Leipzig — Gera — 1795.

No seu livro: Colóquio com Goethe, Eckermann diz ao poeta: «Estamos metidos em milagres, o melhor deles para nós está fechado. Vejamos as abelhas, voam horas em busca de mel, agora para esta direção semanas inteiras, outras semanas quilômetros em outra direção. Quem lhes disse: agora voem para este lado, lá tem alguma coisa para vocês; quem as traz de volta para a colméia, para sua cela? Estas coisas externas nós sabemos, porém sua vida íntima está fechada para nós».

No diário de Goethe encontramos um registro em relação às abelhas com data de 7 de novembro de 1776, onde está escrito: «Hoje estive ocupado com as abelhas, com arrumação para passar o inverno».

Assim como Goethe, muitas autoridades célebres eram apiculto-

res.

Na Roma Antiga todos os nobres tinham em suas propriedades apiários bem cuidados. O Imperador Deuto-Romano, Carlos (o Grande; 742-814) possuía em tôdas suas fazendas apiários limitados, de 50 colméias cada um (prática hoje aprovada pela nossa experiência). Êle criou o jardim das abelhas nas matas do Reich, junto de Nüremberg, além de inúmeros benefícios à apicultura, mantendo êstes «jardins apícolas» existentes e criando novos.

Frederico, o Grande, também zelou pelo progresso da apicultura. Os agricultores pagavam seus impostos com mel e cêra.

Os primeiros jesuítas que vieram da Espanha para o Paraguai, conheciam o valor da apicultura, trouxeram as abelhas européias para a América Latina, após constatarem que neste continente havia somente as meliponídeas.

Assim, vimos que muito valor se dava antigamente à apicultura, como muito se dá hoje em dia, que se sabe, que a alimentação da humanidade depende em 60% da apicultura, comprovado pelas estatísticas feitas em diversos países da Europa.

### O MEL ENGORDA OU NÃO?

Por Lenhart Robert Schirmer

Entre os consumidores do mel e também entre as pessoas que não o consomem, já pelo temor de engordar, podemos considerar o mel uma substância altamente energética, explicando de maneira tão simples, que o mel representa a gasolina do músculo e em especial do coração, que gasta energia cada segundo.

Uma certa quantidade de mel ingerida, passa rapidamente através do trato intestinal, por ser um alimento já pré-digerido e tão simples, que dispensa todo trabalho ao tubo digestivo, é imediatamente absorvido pelo intestino, pela veia horta, levado ao fígado e ali armazenado ou então imediatamente despachado ao músculo, onde é transformado em energia muscular, ou melhor dito, é queimado por oxidação produzindo calor muscular.

Simbolizando, a gasolina é depositada no tanque do automóvel (estômago), daí conduzido por um cano (veia horta) ao carburador (fígado), que mediante velas e electricidade (células e nervos), transformado em energia em for-

(Cont. na página 10)

(Conclusão da pág. 11)

fuga que dei a planta ao Faulhaber estava construída com o nome de F.C.

Não pretendi nenhum nome de Schirmer nesta, assim como também não tinha pretensão no nome da colmeia Schirmer, que o Schenk tinha engeitado de adotá-la, e por necessitar de um nome, o bom Körndorfer escreveu no livro dele, colmeia tipo Schirmer.

Nesta época fiz também o fumigador soírer modificação para menor. (27 anos depois vi esta modificação nos E.E.U.U. e Canadá).

Com meu stander de apicultura, conquistei na IX Exposição Agro-Pecuária de Júlio de Castilhos o 1º Prêmio, com Medalha de Ouro.

Devido ao grande respeito e amizade que ligava-me ao velho Schenk, o que me impediu de divulgar a colmeia Schirmer, assim freei por mais 20 anos o desenvolvimento de apicultura no Brasil, até que um dia, em 1962, meu amigo, o Prof. Dr. José Mariano da Rocha Filho, Reitor Magnífico da Universidade Federal de Santa Maria, convidou-me para organizar o apiário da Faculdade de Agronomia.

Quando aceitei o convite, disse: «Para organizar um apiário, precisa-se de colméias eficientes, e pensei, basta de respeito à uma velha amizade, que só serviu para atrair a apicultura».

Entreí numa nova fase de luta pelo progresso da apicultura, desta vez, decidido a levar avante a apicultura, derrubar um mito do século passado e substituí-lo por uma realidade, por uma apicultura melhor. Mesmo decidido derrubar uma dinastia.

Já foi superada em muito a minha expectativa. Nestes anos já foram construídas milhares de colméias Schirmer em todo o Rio Grande do Sul. A colmeia Schirmer já ultrapassou as fronteiras do Brasil, e em breve, como me foi informado, por um técnico da apicultura da Pérsia, ela será lançada no Iran, como colmeia oficial do Estado.

Os que combatem a colmeia Schirmer, estão há muitos anos usando a centrífuga Schirmer de 16 caixilhos.

Com o que vi em Maryland, na Pensilvânia, em Ohio e no Canadá, estou disposto a sacrificar a colmeia Schirmer, caso alguém me apresente uma colmeia melhor e mais eficiente.

Resolvi fazer da nova colmeia

Schirmer uma colmeia universal, o que vai revolucionar a própria colmeia Langstroth, fora da América do Norte.

Uma coisa é curta e certa: constatei isto in loco. No Brasil não se pode usar a colmeia Langstroth com 100% de produção, como nos Estados Unidos e Canadá. Não cabe aqui.

Resolvi apresentar duas novas colméias mais eficientes que a Langstroth, isto é, uma colmeia com 11 caixilhos na incubadora e 8 na meigueira, a outra com 10 caixilhos na incubadora e 7 na meigueira, de feitio igual, com o mesmo caixilho, uma quente e a outra, quente e fria. Qualquer destas duas supera, aqui no Brasil, em muito, a colmeia Langstroth.

Apresentem-me uma colmeia melhor que a nova colmeia Schirmer e terão todo o meu apoio, todo o meu respeito e minha gratidão.

Basta de defender mitos do século passado, mãos à obra, no desenvolvimento de uma apicultura melhor, chega de brigas e invejas injustas.

**COMENTARIO** — No princípio, a colmeia Schirmer foi feita para meu uso particular. Muitos amigos a adotaram, devido à estética (colmeia harmônica), mas nunca pretendi que servisse de modelo para todo mundo.

Vi uma eficiente colmeia na Suíça, outra na França, e uma em Portugal e ainda a colmeia Langstroth, nos Estados Unidos e Canadá.

Construí a colmeia Schirmer há 30 anos passados, depois das minhas incursões nos países europeus e americanos. Constatei que aqui na América do Sul, a nova colmeia Schirmer jamais será ultrapassada, jamais será superada.

Esta é e será a colmeia do futuro na América do Sul, apesar de existirem muitas incompreensões por parte dos usuários de outras colméias.

Uma vez, ouvi manifestações verbais de apicultores alemães, usuários da secular colmeia de François Huber, as palavras foram as seguintes: «Estou usando a colmeia de «fólias de Livro» melhorada e estou satisfeito com esta».

Em resposta a isso, eu diria: «Eu estava satisfeito com a colmeia Schenk, no 1º e 2º ano de uso, depois evoluiu».

Pessoas que não tem tempo para estudar apicultura, não podem evoluir nesse sentido, e ficam contentes com as colméias que seus avós já usaram.

Se a colmeia Langstroth não fôr usada como nos Estados Unidos e Canadá, esta não é eficiente, porque a florada na América do Sul é diferente da da América do Norte.

Uma colmeia eficiente deve respeitar estes pormenores.

No Brasil, o uso da colmeia Langstroth não é 100% eficiente. Além do mais, aqui ninguém pode constituir uma legítima colmeia Langstroth, mas podem fazer uma grosseira imitação.

Quem visitou a fábrica de colméias da firma Rooth, em Medina, Ohio, está autorizado a dizer isso.

Quem viu usar a colmeia Langstroth nos Estados da Pensilvânia, Ohio e Canadá, unicamente com o ponto de vista de possibilidade brasileira, este pode opinar das vantagens aqui e acolá.

Não resolvam adotar qualquer colmeia sem ouvir e assistir uma aula sobre colméias, aula esta proferida em qualquer parte por autoridades do assunto, que já realizou e provou com suas experiências e estudos «alguma coisa» da apicultura.

Vamos lutar por uma apicultura melhor!

## Abelhas, Mel e Saúde E O

### Mundo Fabuloso das Abelhas

Livro da Prof.<sup>a</sup> Heloisa D. de Mello

É uma ótima leitura, recomendada a todos que se interessam pela vida das abelhas.

O Diretor

## Lembre-nos da Cárnica e do mel

(Conc. da 3.<sup>a</sup> página)

lhas que convém criar. Por enquanto ficaremos com o que existe por aí, um novo erro não justificaria o erro passado.

Aguardem tranquilamente, que em tempo certo, «A Colmeia» lhes informará como e o que deverão fazer, para auxiliar no reerguimento da apicultura.

Está constatado que não há convivência pacífica entre as abelhas cárnicas e as bastardas africanas. O que é curto e certo é que após o cruzamento F2, a abelha africana sucumbirá, deixando atrás de si uma triste recordação e bilhões de prejuízos econômicos.

## A FALTA DO MEL

por Lenhart Robert Schirmer

A grande falta do produto mel no mercado, se deve as intensas promoções nos jornais, rádio e televisão e especialmente às feiras de mel realizadas na praça Alfândega durante três anos seguidos. Porém, de um ano a produção de mel entrou num colapso total devido a africanização em nosso Estado e outros estados do Brasil. Poucas pessoas sabem isto, agora muitas pessoas sabem que a abelha africanizada produz mais, alguém, que não é apicultor militante escreveu isto, mas a verdade é que o mel que é bom, não aparece. O colono que antes podia ter nos fundos de sua casa, até junto ao galinheiro, ou chiqueiro ou estabulo, suas 30 ou mais caixas de abelhas, hoje com as condições atuais da apicultura, com a abelha africanizada, ele não pode manter mais uma só caixa, se quer, por que no dia quando ele for mexer nesta caixa, sairão centenas de abelhas para atacar tudo que for vivo por perto; daí por que já tem acontecido vários acidentes com os animais domésticos, e, também com pessoas menos expertos com este tipo de abelhas. Eu falo aqui de caixas de abelhas fortes, com 50 mil abelhas, esta também é que produz muito mel, quando for devidamente atendida, mas o que adianta isto se ela é uma fera e que não se pode mais criar perto de outros animais domésticos e longe de qualquer movimento de pessoas. Muitos colonos queimaram suas abelhas devido sua violenta agressividade, não é, como muitos pensam, que sejam mais venenosas, não é o fato, mas, o perigo se resume em ser uma raça de agredir em massa, e por vezes ataca indiscriminadamente, até um enxame migratório tem causado serios acidentes a pessoas e animais. Uma pessoa em condições normais, sem ser alérgica, e que não é acostumada tomar ferroadas de abelhas pode entrar em perigo de vida com 20-30 ferroadas ou pelo sofrer um choque anafilático muito sério de ter que se chamar um médico ou é preciso levá-la ao hospital para ser medicada com urgência. E, uma pessoa alérgica às ferroadas de abelhas, morrerá fatalmente com uma quantidade de ferroadas mais acima mencionada. Isto é um dos fatores mais importantes que contribue ao desaparecimento do nosso precioso mel que antes havia com abundância, quando existia ainda a nossa boa, valente e laboriosa abelha cárnica ou também conhecida por abelha preta, perfeitamente aclimatizada em nosso país e que já existia de há 400

anos no Brasil trazida pelos primeiros imigrantes. Esta, ao meu ver de longa experiência, é a melhor raça de abelhas existente no mundo, comprovado por famosos cientistas que se ocupam longos anos com o estudo das raças de abelhas do mundo inteiro. A raça cárnica é a abelha oficial na Alemanha, se ajustou naquele clima rude e com uma primavera de apenas dois meses e assim mesmo chega a produzir mel. Aqui esta raça sofria as mais precárias condições de trato instalada em caixotes comuns, de qualquer tipo, a tirado no chão, na humidade, na intemperie a mercê das formigas, sapos, aranhas, camondongos, baratas, frio, ventos, fome e era «furada», como diz o caboclo, com facão e tocha de fogo, era massacrado seu sagrado ninho de cria, cortava-se seus favos de lado a lado, os que tinham o mel era separado numa lata e posteriormente espremido, e os favos de cria, o mais precioso da família, eram fervidos para separar a cêra, e as lavinhas e a cria velha, já prestes a nascer era atirada aos porcos. E nestas condições de tratamento, a pobre abelhinha teve que reconstruir ao suor de sacrifício toda a ninhada de novo, isto se a sua rainha escapou do massacre desumano, e as famílias que perderam sua rainha na «melada» tiveram que sucumbir fatalmente por orfandade; as famílias normais e que tornaram a reconstruir seu ninho, o conseguiram até onde lhes acompanhou ainda uma florada pois, geralmente quando foram «furadas» a primavera ou estação das flores já havia passado, e a construção da ninhada ficou pela metade, e nem falar se elas puderam armazenar algum alimento para o inverno. Assim, com este massacre o mais normal e mais certo era que o 80% das famílias morreram, só resistiram as mais valentes e o que havia de melhor dentro das famílias e dentro de uma raça, era uma espécie de «seleção» por ignorância, mas, o caboclo não sabendo disto se conformou com o que sobrou e tratou de aumentar no ano seguinte seu número de «abeias» mas, não deixando de se lamentar que muitas das suas «abeias» haviam sido atacadas pela traça desgranida, longe de ele sonhar que com seu tratamento rude, desumano e ignorante matava de ano a ano mais de 50% de suas abelhas. Dentro de uma apicultura desta natureza, na pior época do ano e sem condições de higiene e sem nenhuma atenção técnica ainda houve uma raça de abelhas que há centenas de anos sofria este massacre sem conseguir-se exterminá-la, é uma raça que merece uma coroa de ouro, e pertence à raça cárnica ou abelha alemã ou ainda

chamada abelha preta, que não é preta senão cinzenta. Pergunto eu hoje: onde está esta maravilhosa raça de abelhas? Onde está esta maravilhosa raça de abelhas que nos permite trabalhar em mangas de camisa, e por vezes, quando mais calor fazia, até em shorts se atendia? Falar nisto, nas condições atuais de nossa apicultura, é falar num sonho de fadas, enquanto tem se trabalhar com uma indumentária quase de um astronauta, e nos dias de calor? nem é bom falar... Mas foi tudo para melhorar a raça!

Mas, houve se falar de apicultores expertos que a abelha africana ou africanizada é boa, é mansa, produz muito mais (que não acredito) é só selecioná-la. E que quer dizer selecionar uma raça dentro da própria raça? Quem está tecnicamente em condições de fazer um trabalho desta envergadura? Quem tem um lastro econômico para poder dar-se este luxo e despreçar suas preciosas horas do conhecido slogan: time is money, dedicar-se a um trabalho desta natureza, sem mencionar as condições de trabalho no seu apiário, a que distância e conforto, somente um amador ou aposentado que queira encontrar um passatempo nisto e deleitar-se num trabalho desta natureza, sem mencionar no conforto, digo no mínimo conforto e comodidade que exige este trabalho, este poderá se dedicar a selecionar uma raça que não presta, ou aquele que espera «selecionar» uma super-raça — quer dizer, não sendo superior à raça cárnica, já não presta, — e vendê-la a preço ouro.

Nos cursos de apicultura, neste tempo ainda nem se falava e nem se esperava uma peste continental com «africanização», já então eu frisei com ênfase, e isto em todos os cursos e repetidas vezes, de ninguém trazer abelhas de fora, importar abelhas, visto de termos a melhor abelha do mundo aqui, as abelhas cárnicas, é a abelha capaz de encher vagões de precioso mel, ela só precisa pastagem e atenção técnica; e eu me considerava e me considero ignorante em questões de genética apícola, só me guiei pela experiência própria e especialmente pelos cientistas alemães. Onde está nossa saudosa abelha cárnica? Onde está o precioso mel que qualquer colono colhia em latas sem precisar «selecionar» sua raça que sempre satisfazia com todas as condições precárias e em caixotes tirados no chão e nas capoeiras, sujeitas a todas as inclemências e maus tratos.

Querer melhorar uma raça boa e insuperável com uma outra raça que

Continua na página 8

## ESTATUTO da ASSOCIAÇÃO SANTAMARIESE de APICULTURA

### ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO SANTAMARIENSE DE APICULTURA

#### Da Constituição — Fins — Duração — Sede

Art. 1º — A Associação Santamariense de Apicultura, fundada aos vinte e quatro dias do mês de novembro de mil novecentos e sessenta e cinco, com sede e foro nesta cidade de Santa Maria — Rio Grande do Sul, constituída sem prazo determinado de duração, tem por objetivos principais:

a) Congregar os criadores de abelhas e afilhados da apicultura regional, estimulando-os no sentido do melhoramento técnico e científico da apicultura racional, através de assistência técnica, cultural e científica, facilitando-lhe os meios à aquisição de materiais de apicultura, fortalecendo e estimulando o associativismo;

b) Organizar conferências, cursos intensivos, reuniões técnicas e clubes mirins de apicultura, procurando introduzir nos núcleos residenciais, vilas e povoados, as modernas técnicas da criação de abelhas, especialmente através das escolas interioranas;

c) Comemorar os dias consagrados à Padroeira Santa Rita de Cássia, dia 22 de maio, dia do Patrono da Apicultura Nacional, Frederico Augusto Hannemann, dia 25 de Maio e o dia do Mel, a 3 de Outubro;

d) Propugnar pela proteção às abelhas melíponas, trigonas e abelhas solitárias, também as vespas úteis, assim como pela proteção às nossas florestas ciliares ricas em essências melíferas e políferas.

Art. 2º — A Associação Santamariense de Apicultura reger-se-á pelos presentes Estatutos e pelas leis vigentes no País.

#### Dos Associados — Direitos e Deveres

Art. 3º — Poderão associar-se à Associação, todas as pessoas, sem distinção de cor, raça e credo religioso, que de uma ou outra forma, estejam ligados à apicultura e seus ramos, especialmente os agricultores que apenas se interessam pela apicultura como veículo de polinização.

Art. 4º — Os sócios serão distinguidos por três categorias:

a) Efetivos — Os sócios residentes neste município ou adjacências;

b) Correspondentes — Os apicultores residentes em outras localidades, mesmo no estrangeiro;

c) Honorários — As pessoas que fizerem jus a tal título, por relevantes serviços prestados à causa da apicultura em geral ou particularmente pelo associativismo apícola, assim como aqueles que prestarem relevantes serviços à comunidade.

Art. 5º — São direitos dos associados: valerem-se dos benefícios sociais, votarem e serem votados para composição dos órgãos diretivos da Associação; usar a palavra nas reuniões de Assembléia Geral e encaminharem proposições.

Art. 6º — São deveres dos associados: manter em dia sua contribuição social pecuniária; comparecer às assembleias gerais; aceitar eleição para cargos diretivos, salvo força maior; acatar as determinações estatutárias e emendas da Diretoria, dentro de suas legais atribuições;

§ 1º — Pagar uma contribuição anual para a Confederação Brasileira de Apicultura;

§ 2º — Os sócios que deixarem de cumprir com suas obrigações sociais poderão ser advertidos e de-

mitidos da associação, por ato da Diretoria, com aprovação do Conselho Fiscal.

#### Da Administração

Art. 7º — A Assembléia Geral é o órgão máximo e soberano da Associação Santamariense de Apicultura, devendo suas deliberações ter força de Lei entre os associados, dela emana toda a atividade administrativa da Associação, que em seu nome é exercida pela Diretoria.

Art. 8º — A Diretoria será composta por um Presidente, um Vice-Presidente, um 1º Secretário e 2º Secretário, um Tesoureiro e um Diretor de Divulgação, eleitos bianualmente, podendo serem reeleitos por mais de um período, através de voto secreto.

§ Único — A Diretoria poderá se fazer assessorar por Comissões Técnicas, tantas quantas sejam necessárias para o cumprimento de seus programas mínimos.

Art. 9º — O Conselho Fiscal eleito bianualmente terá como encargo principal a fiscalização dos atos da Diretoria e das Comissões técnicas.

Art. 10 — A Associação será representada ativa e passivamente em juízo e fora dele pelo Presidente, que poderá outorgar poderes a outro membro da Diretoria ou a um associado em gozo de seus direitos sociais.

Art. 11 — Ao Presidente compete distribuir as tarefas e encargos pertinentes a cada cargo da Diretoria, o que figurará em seu programa mínimo.

Art. 12 — Os membros da Diretoria não responderão subsidiariamente pelas obrigações assumidas em nome da Associação, o mesmo ocorrendo com os demais associados. Os mandatos da Diretoria são gratuitos.

#### Da Assembléia Geral

Art. 13 — A Assembléia Geral será composta pelos associados em dia com suas obrigações sociais e será legalmente constituída, quando convocada cada pela imprensa, com prazo mínimo de 15 dias, se a ela comparecerem mais de 50% dos associados.

§ Único — Se no local, data e hora da convocação, não estiverem presentes número suficiente de associados, lavrar-se-á ata e convocar-se-á outra assembleia para duas horas depois, quando realizar-se-á com qualquer número.

Art. 14 — A Assembléia Geral reunir-se-á por convocação do Presidente ou por convocação assinada por 20% dos sócios em pleno uso de suas prerrogativas sociais e nas convocações sempre deverá ser inserida a ordem do dia, vedada discussões fora do estabelecido.

Art. 15 — Os atos da Assembléia Geral só serão válidos quando aprovados por maioria dos presentes.

Art. 16 — A Assembléia só poderá modificar as disposições estatutárias, quando em sua convocação houver tal disposição na Ordem do Dia e a reforma for adredemente dada ao conhecimento geral. A reforma poderá atingir ao Estatuto no todo ou em parte, inclusive no tocante a administração, caso em que só entrará em vigor após as próximas eleições da Diretoria.

#### Do Patrimônio Social

Art. 17 — O Patrimônio será formado pelos bens que a Associação venha a obter através de aquisição ou doação.

§ Único — A receita da Associação será garantida pelas contribuições sociais, em primeiro plano e em segundo, pelas doações pecuniárias e por contribuições e subvenções oriundas do erário público.

Art. 18 — As contas bancárias serão movimentadas pelo Tesoureiro, com visto do Presidente.

Art. 19 — Os bens imóveis só poderão ser alienados com aprovação da Assembléia Geral.

Art. 20 — O Presidente só poderá proceder despesas que estejam previstas em seu programa mínimo, devendo as demais serem aprovadas pela Diretoria, com visto do Conselho Fiscal.

#### Da Extinção da Associação

Art. 21 — A Associação só poderá ser extinta por decisão unânime da Assembléia Geral ou quando o quadro social tiver menos de 10 associados.

§ 1º — Declarada extinta a Associação, será nomeada uma comissão liquidante, que deverá pagar as dívidas e entregar o patrimônio remanescente à

Entidade que for designada pela Assembléia que determinou a extinção, fazendo publicar na imprensa, um sucinto relatório de liquidação;

§ 2º — O Presidente da Comissão liquidante deverá promover a averbação no registro público.

§ 3º — Estando a Associação filiada à Entidade de âmbito regional ou Federal, a Ata de Extinção lhe será remetida, oferecendo-lhe o patrimônio que, sendo aceito, lhe será destinado, podendo tal Entidade, nomear um de seus membros ou Delegados, para acompanhar o processo de Extinção.

#### Das Disposições Finais e Transitórias

Art. 22 — A Sede da Associação, será provisoriamente, à Rua Duque de Caxias, 1295.

Estes Estatutos foram aprovados na Assembléia da Constituição, de conformidade com o que consta da respectiva Ata.

Santa Maria, 25 de novembro de 1965.

**BRUNO SCHIRMER — Presidente**

## Associativismo apícola

No número 1 de «A Colméia», já me referi sobre este assunto.

No presente número, trazemos os Estatutos da A.S.A., que servirão de padrão à todas as futuras associações a serem fundadas no território nacional, porém, nós neste vasto território temos de observar uma coisa lógica: «basear-nos na experiência vivida pelos outros».

Devemos ter em todo o Brasil uma associação Regional de Apicultura em cada Bispado.

Os Estados do Brasil são grandes, uma associação para todo o Estado é impraticável, os sócios de ca-

da associação precisam reunir-se, semanalmente, por isto precisamos de uma associação em cada Distrito, bem como são distribuídas as paróquias dos Bispados e dentro do Distrito do Bispado terá uma associação regional, que assessorará as associações distritais, chegando a este ponto de desenvolvimento associativista apícola.

Então, a nossa apicultura poderá e deverá ser novamente desenvolvida, após a destruição que sofreu, por mãos inábeis e criminosas.

O Diretor Proprietário deste mensário «A Colméia», está às ordens, atende chamados para conferências apícolas e associativistas.

A Associação que tiver 100 as-

sinantes de «A Colméia» tem, o direito de convocar o Diretor deste, sem ônus, para a viagem e hospedagem, num pré-determinado dia ou noite, para qualquer assunto de associativismo apícola e apicultura em geral.

Precisa avisar com antecedência, por carta ao Presidente da mesma e esperar a confirmação, porque pode coincidir dois convites em um mesmo dia.

Primeiramente, convém fundar uma Associação de Apicultura em cada Bispado, depois irradiar para os distritos, não é preciso ser esta, justamente na sede do Bispado.

Mãos à obra e a apicultura será reerguida em toda a parte.

**O Diretor**

#### A «Colméia», jornal mensal 12 páginas

Diretor: Proprietário e Editor Bruno Schirmer

1a. Via RECIBO Cr\$ 10,00

Recebemos do Sr. ....

Rua .....

Cidade .....

A quantia de dez cruzeiros, para fornecimento de uma assinatura anual de «A Colméia», 1/8/71:1/7/72

97.100 Santa Maria — Cx. Postal, 472 — RS. — Brasil

Assinatura do Banco .....

ou procurador

#### A «Colméia», jornal Mensal, 12 páginas

Diretor: Proprietário e Editor Bruno Schirmer

2a. Via RECIBO — Cr\$ 10,00 — Letra legível

Recebemos do Sr. ....

Rua .....

Cidade .....

A quantia de dez cruzeiros, para fornecimento de uma assinatura anual de «A Colméia» 1/8/71:1/7/72

97.100 Santa Maria — Cx. Postal, 472 — RS. Brasil

Assinatura do Banco .....

ou do procurador

#### A «Colméia», jornal mensal 12 páginas

Diretor: Proprietário e Editor Bruno Schirmer

3a. Via — RECIBO — Cr\$ 10,00 Letra legível

Recebemos do Sr. ....

Rua .....

Cidade .....

A quantia de dez cruzeiros, para fornecimento de uma assinatura anual de «A Colméia» 1/8/71:1/7/72

97.100 Santa Maria — Cx. Postal 472 — RS Brasil.

Assinatura do Banco .....

ou do procurador

Continuação da página 5

não presta, só podia dar em que deu: um tiro que saiu pela cuatira.

Ora, se alguém me perguntar que fazer para sair do atoleiro, não saberei o que aconselhar, e isso acontece a todos os criadores de abelhas, como é que podemos voltar a nossa saudosa abelha cárnica, não posso me imaginar, somente acreditando em algum milagre, e esse milagre pode se dar que surja novamente a nossa extinta abelha cárnica. Quando entramos num beco sem saída, só podemos esperar um milagre. Assim eu vejo o caso «africanização no Brasil», ou, que algum genetista consiga o milagre de retroceder o mal continental.

O motivo da africanização nas abelhas no Brasil foi um mal involuntário, talvez até accidental, mas não posso me vencer como se podia querer melhorar uma raça boa com uma raça que não presta? Isto é a incógnita e a paradoxal, quando o Brasil carecia mais de conhecimentos técnicos do que melhorar uma raça, quando os países mais adiantados do mundo em apicultura já conheciam e usavam durante dezenas de anos a melhor raça no genero das Apis, com farta literatura sobre as mesmas e não menos em colheita de mel, não obstante tínhamos que ser nós apicultores brasileiros, e toda uma Nação, sofrer um tamanho e insano flagelo de erro em querer melhorar uma raça insuperável. Vi-

vo e sinto o drama «africanização» assim como também já vivi e senti o sonho de fadas da mansidão e produtividade de nossa fabulosa abelha cárnica, e, faço votos que esta minha expressão aqui, se espalhe aos quatro cantos do mundo: jamais, o sol iluminará uma raça de abelhas melhor que a raça cárnica, isto expresso, sem partidarismo e sem fantasia de cores, a não ser simplesmente pela experiência própria pelo que ela é, rende e confrontando-a o que dizem as maiores sumidades na materia, sendo durante mil anos sempre a mesma abelha na Europa, e figurando na Alemanha como raça Oficial.

E queira Deus que num futuro próximo cheguemos novamente a esta saudosa raça de abelha, ou outra similar, para que todo colono, simples e modesto, possa novamente ter suas abelhas nos fundos de sua casa, junto ao galinheiro e chiqueiro, colher seu mel, assim também nós os apicultores também podemos novamente colher mel em fartura, sem nos entroxarmos, e oferecer o precioso mel ao povo, e somente querer melhorar uma raça, quando nosso vizinho ter realmente uma raça superior em todos os sentidos, e, que isto valha a todos os tipos de raças e em qualquer espécie.

## Aumento artificial de nossos apiários

Quando comecei a praticar a apicultura racional em maior escala, o aumento artificial e rápido do meu apiário foi um dos meus primeiros empreendimentos.

Não estando mais satisfeito com a colméia Schenk, mandei confeccionar 30 colméias Schirmer. Era primavera e eu tinha 20 colméias Schenk, povoadas com abelhas bastardas italianas de Taquari. Comprei 20 rainhas italianas áureas do Rio de Janeiro, da tribo Cardoso da Fonseca. Enxertei-as tôdas nas novas colméias Schirmer, tirando a metade da família de cada colméia Schenk (uma das 20 pereceu).

Maravilhosamente, desenvolveram-se 19 rainhas com a falta de prática. A falta de literatura na época, tornava tudo difícil.

(O interessante está aqui): Eu tinha 20 colméias povoadas, compreí 20 rainhas, vendi 21 colméias Schenk, com abelhas em franca produção e fiquei com minhas 30 colméias povoadas, com muito progresso, tudo isto dentro de um mês.

O erro foi o seguinte (veja no nº 1 de «A Colméia» o artigo «Método Prático do Trocar a Raça de Abelhas em Nosso Apiário»): enquanto as rainhas enxertadas estavam presas, com a colméia posta no local de onde mudei a que forneceu o «nú-

Continua na página 12

# AVISO IMPORTANTE

Chamamos atenção à todos associados das Associações já existentes para assistirem sempre que possível as reuniões programadas. Sempre terá alguma coisa útil com sua presença. Para o progresso e desenvolvimento da nossa apicultura

**CASA LANG FERRAGENS S.A.**

**Tem para vender fumigadores para apicultores**

A QUE MAIS BARATO VENDE

**Rua Dr. Rozano, 1228 - Fone 2479 - Santa Maria 97.100**

## Inseminação artificial em rainhas de abelhas

A inseminação artificial, em qualquer espécie animal é viável, com 100% de êxito e economia. Porém, a inseminação artificial feita em 100 rainhas de abelhas, teve efeito somente em 10 rainhas de abelhas, com 80% de eficiência. Um resultado com 100% de êxito, ainda não se conseguiu. Por que?

Em abelhas é um serviço muito delicado e a natureza da abelha não é feita para isso. A inseminação artificial em tecnologia moderna da apicultura é de vital importância para seleção de raças por linhagem, para criar novas tribos e é necessário para a formação de matrizes híbridas, mas jamais poderá ser utilizada para a produção de rainhas em escala comercial, inseminadas artificialmente.

Isto porque é um trabalho altamente especializado, cuja mão de obra é muito cara (se for entregue a incompetentes técnicos já nasce fracassado), cujo preço de cada inseminação é orçado em Cr\$ 5,00, mais Cr\$ 3,00 para a criação, além da amortização do capital empregado na aparelhagem, podendo ser vendido por Cr\$ 25,00 a unidade.

Qual é o apicultor que vai comprar a metade das rainhas que necessita anualmente por Cr\$ 25,00 cada uma? Isto sem saber ainda, se esta é 100% boa. O preço de uma rainha matriz é orçado em Cr\$ 100,00 e este preço ainda é muito irrisório, barato. Para qualquer procriação precisa-se sempre de duas rainhas matrizes sem consanguinidade entre si.

Esta matriz vale muito bem Cr\$ 100,00 por unidade, destas duas rainhas podem, na melhor hipótese, reproduzir 2500 rainhas novas, que jamais devem ser distribuídas à revelia, isto é evitar o acasalamento entre primos. Esta distribuição precisa ser controlada.

Cada remessa posterior deve ser antes, revisada e baseada no não parentesco entre a anterior.

As matrizes devem ser fecundadas por intermédio de inseminação artificial e as rainhas produtoras precisam ser fecundadas em postos de fecundação, previamente preparadas com um ou dois anos de antecedência, em vôo nupcial natural.

No sul dos Estados Unidos existem muitos estabelecimentos de criação de rainhas híbridas, com matrizes de alta produção, que para criar estas matrizes usam a inseminação artificial para a fecundação destas híbridas. Usam

postos de fecundação, com os zangões criados por matrizes especiais, a fecundação é feita em vôo nupcial ao natural. Nos Estados Unidos, criam anualmente cerca de 5 milhões de rainhas.

Os postos de fecundação devem trocar as rainhas gratuitamente num perímetro de 20 km de diâmetro. Naturalmente este posto só permitirá e respeitará os apiários já existentes antes da instalação do posto.

Será interdita nesta zona a instalação de qualquer nova colméia sem prévio controle e autorização do posto. As abelhas que por acaso são instaladas irregularmente, serão indenizadas por um preço razoável e retiradas pelo posto e em reincidência, confiscados e punidos os autores, com multas regulamentares a começar por dois salários mínimos regionais.

Nos Estados Unidos e Canadá usa-se trocar quase todas as rainhas anualmente. Os Estados Unidos é o país mais adiantado em evolução na tecnologia aplicada e prática de apicultura, com seus muitos institutos de pesquisas e experiências, disseminados pelo país. Visitei alguns destes Institutos, onde me informei da eficiência destes.

Lá, a inseminação artificial é usada só para estudos e formação de matrizes. Para fecundação de rainhas em escala comercial é usado o método ao natural em campos e postos selecionados.

Afirmo que a tecnologia prática deve ser empregada de acordo com a necessidade e situação de cada país, não fazer uma simples imitação.

Os cientistas alemães usam os aparelhos de inseminação para fins genéticos, mas para fecundar rainhas para produção, seja híbrida ou pedigree por linhagem, usam os postos de fecundação, que chamam de BELEGSTELLE, cujas rainhas, tão logo em estado de ninfa, quando as celas forem aperculadas, é passada para a incubadora elétrica, que usam desde o ano de 1906 e é fabricado por muito fabricantes, em diversos tipos (foi experimentada pela 1ª vez em 1876).

Depois destas rainhas nascidas em suas gaiolas, são enxertadas em pequeninos núcleos e no dia seguinte levadas ao posto de fecundação, ao passo que na América já enxertam o casulo operculado em núcleos coletivos, com isolamento de cada favo.

Tão logo que a rainha for fecundada e começar a postura, é retirada deste núcleo e substituído

## ONDE ESTÁ O MEL

Ainda dizem por aí, que a abelha africana produz mais mel que qualquer outra, porém onde está este mel?

Creio que já é tempo de parar com esta farsa, esta mentira.

O mel que a abelha africana produz é insignificante, diante do mel que produzia a nossa exterminada abelha Cárnica Brasileira. Quando o Sr. Ministro da Agricultura baixou uma portaria de extermínio à abelha africana, pondo à disposição uma verba de 500 milhões de cruzeiros, achei esta medida muito acertada.

Dei todo meu apoio moral, porém não tinha onde publicar minha opinião sobre este assunto.

Logo apareceram vozes, que protestaram contra a proposição ministerial, até que o projeto caiu num vazio.

Que mel as abelhas africanas produzem? Os srs. sabem? Creio que não. Pois eu sei!

Primeiramente, mandei analisar o melhor mel de abelha africana do Brasil, deu um valor de diastase 5,4, sendo que o mercado europeu de importação de mel, aceita o valor mínimo de diastase 8,0 (se tivéssemos mel de abelha africana, para onde exportaríamos, para o Japão? Não.).

O mel da abelha africana costuma fermentar, adquire um gosto nauseabundo.

Mandei analisar o mel da abelha Cárnica Brasileira. Tenho 50 análises, feitas pelo melhor laboratório do mundo europeu, analisado pela maior estrela mundial de análises de mel, onde foi constatado o valor diastático, que alcançou até 42,0. Por que?

Porque a nossa abelha massacrada, a Cárnica colhe o néctar, após este receber os raios solares, que dão ao mel o alento vital, o sopro do segrêdo do valor alimentar do mel, que a natureza nos presenteou.

O Diretor

por outro casulo com a vantagem que esta pode permanecer em tal núcleo por mais tempo, ao passo que o minúsculo núcleo logo será abandonado pelas abelhas, após a rainha entrar em postura, se não for aproveitada.

Não se precipitem em munir qualquer estabelecimento com aparelhos de inseminação artificial, primeiro devemos instruir os técnicos para tal trabalho.

Bruno Schirmer

(Conclusão da página 3)

ma de explosão sobre os pistões, ligados à alavancas (músculos e tendões) ou bielas, que acionam a máquina, consumindo rapidamente e por um processo muito simples a quantidade de combustível depositado no tanque.

Assim acontece também com o mel; diferente é com os alimentos pesados, que exigem uma prolongada e difícil transformação pelo sistema digestivo, exigindo desgaste físico e fisiológico do nosso organismo, e logo depositado no organismo em forma de tecido adiposo ou gorduroso, sofrendo oportunamente uma transformação retrógrada, lenta para servir então de energia ou calorias.

Entende-se que uma colher de sopa de mel integra umas calorias, que o organismo oxida no nosso corpo e que liberará esta quantidade de energia para ser empregada em trabalho muscular. Para uma melhor ilustração, podemos comparar a seguinte tabela:

- 1 Kg de mel - 3.395 calorias
- " " de cenouras - 350 calorias
- " " de maçã - 375 calorias
- " " de tomates - 234 calorias
- " dz de ovos - 1.375 calorias
- "lt de leite - 65 calorias

Dai conclui-se que o mel é um energético de primeira necessidade, de muito fácil digestão, recomendável ainda aos organismos mais delicados e para todas as idades, para crianças saudáveis, enfermas, pois lhes promete um normal desenvolvimento, especialmente indicado aos cardíacos e às pessoas que requerem um grande desgaste muscular.

## MEL FALSIFICADO

No Rio Grande do Sul não existe mel para o consumo interno, em 1970 a produção normal caiu em 90%.

O mel fabricado pelas abelhas africanizadas é de inferior qualidade, mesmo impróprio para o consumo humano. Sempre existiram os grandes e pequenos falsificadores de mel, cujo maneira de ganhar dinheiro fácil é explorando a propaganda dos apicultores e a boa fé dos consumidores de mel.

Estes o fabricam com açúcar, misturando, inclusive, frutas do nosso jervá, cozinhando-o em calda de açúcar, que dá a cor de mel, de flor de eucaliptos.

Estes falsificadores aprendem novos truques, para iludir o desavisado consumidor, mandando vender, por bom preço o falso mel nas

idades. Utilizam menores, iniciando-os na velhacaria precoce, os quais aparentemente de boa fé, são os futuros delinquentes, porque cedo aprendem mentir.

Para tirar uma prova disso, aproveitei uma oferta de mel, perguntando ao menor, de onde vinha o mesmo, o qual mentiu, dando-me o nome de um lugar conhecido, onde não existe criação de abelhas.

Levei-o espontaneamente à presença do juizado de menores, onde ele confessou, que um «fulano de tal», manda-o vender o mel, que ele faz em grandes tachos, de açúcar comprado em sacos. Pobre menino! Devolvi-lhe a lata de «mel», com recomendação, sem uma palavra rude.

As nossas autoridades, dizem que nada podem fazer, não existe mel puro, todo mundo vende mel falsificado.

Está certo que vendem uma doçura para passar no pão de cada dia, mas podem vendê-lo como tal, porém não como mel de abelhas. Nós entendemos que as próprias autoridades dão chance aos pequenos crimes, que amanhã serão grandes, como tudo, também a ladroagem vicia.

Por que os senhores falsificadores de mel, não registram uma firma legal, mandam vender seus produtos com seus verdadeiros nomes, tirando completamente o nome de mel? Mel é exclusivamente o produto das abelhas, da espécie apis mellifica.

Os apicultores não se opõem a que se venda melado, para quem quizer comprar, mas querem respeito ao nome de mel. É a Confederação Brasileira de Apicultura que vai tomar as providências necessárias. Como esta Confederação vai agir, não é da conta dos falsificadores.

Já de antemão, avisamos os grandes e pequenos fabricantes do falso mel, que se organizem em firmas especializadas, para vender melado. Deixem de vender o «mel» de porta em porta, porque um dia, quando não esperarem, serão multados em elevadas somas, sem prejuízo das sanções penais. Nestes falsificadores também serão incluídos os «pseudo-apicultores», que tem realmente apicultura para «empurrar» seu produto falsificado ou misturado com mel.

Tem apicultores que vendem «verdadeiro mel», em favos, também falsificados, dando garapa de cana ou água de açúcar para as abelhas.

As abelhas armazenam esta garapa nos favos, que parece mel,

porém este mel assim falsificado, é facilmente constatado em análise. O apicultor honesto vende o único e legítimo mel, que as abelhas colhem do néctar das flores.

No futuro próximo, as Associações, accessoradas pela Confederação fiscalizará o produto mel. Se não temos produção de mel o importaremos dos países que o tem, como a China Continental, que pode abastecer o mercado brasileiro de mel, pela metade do preço que pagamos ao nosso próprio produto.

Melado deve ser vendido com o nome de melado, mais nada.

O Editor deste jornal está muito atualizado no comércio mundial do mel.

## O começo da Colméia Schirmer

Em 1937-1939 vi que a colméia Schenk tinha um inconveniente intransponível, como a eterna cria na melgueira, os 3-5 favos abarrotados de mel na incubadora, o reduzido ninho de cria na incubadora, devido a estreiteza da colméia, a quantidade enorme de caixilhos, para fazer e para centrifugar.

Então, resolvi, em 1940-1941, fazer e experimentar uma nova colméia, com 12 caixilhos na incubadora e 8 caixilhos na melgueira.

Foram construídas as primeiras 30 colméias deste tipo, em Panambi, na Fábrica de Koorndörfer & Wenz, que o Sr. Luiz Korndörfer chamou de colméia Schirmer, como consta no livro do registro da planta, sem data.

Foram imediatamente povoadas as colméias. No primeiro ano deu um resultado fantástico, tinha um ninho com muito maior população em consequência, 30% mais produtiva que a colméia Schenk.

(Por falta de mudar os caixilhos na incubadora, apareceu cria nas melgueiras após o 2º e 3º ano).

Na mesma época senti a necessidade de uma centrífuga radial para duas melgueiras, isto é, para 16 caixilhos, que também foi construída pelo Korndörfer. A eficiência desta foi 100%.

Dois anos depois mandei construir mais três destas centrífugas, depois pedi ao Dr. W. Faulhaber que mandasse uma destas centrífugas ao Bromberg, o qual pediu com urgência, que mandasse mais 25 centrífugas.

Em 1945, vi na firma Dierberger, em São Paulo, a minha centrífuga exposta, a qual teve ampla aceitação em São Paulo. A centri-

(Cont. na pag. 11)

## PÁGINA DA DONA DE CASA

Rua Garibaldi, 1086

Pôrto Alegre

### INFORMATIVO N.º 6

#### da CASA DO MEL

- 1 — Limonada com mel é insubstituível como refrigerante, aplaga a sede com a vantagem de ser um reconstituente de ação imediata, é de sabor delicioso e reconfortante. Nas horas das refeições, estimula o apetite.
- 2 — Pão de mel: 1,1/2 xícara de farinha de trigo peneirada, 2 colheres de chá de fermento, 1/2 colher de chá de sal, 1 ovo, 1/2 xícara de leite, 3 colheres de sopa de manteiga derretida. Modo de fazer: peneire junto a farinha, o sal e o fermento; bata o ovo, junte uma xícara de mel, o leite e a manteiga; misture bem. Adicione então a mistura da farinha, e mexa bem. Despeje tudo numa assadeira untada com manteiga. Cubra com a seguinte mistura: 1/4 xícara de mel, 1/4 xícara de farinha, 2 colheres de manteiga. Leve ao forno moderado durante 35 minutos.
- 3 — Uma camada de mel aplicada em forma de massagem na cutis ou noutras partes do corpo, limpa os poros, elimina a oleosidade e devolve à pele seu estado natural, sedoso e juvenil.
- 4 — Todo mel natural contém 5 enzimas de caráter catalizadoras, e, ao aquecê-lo, perde estas enzimas que permitem fixar os alimentos, vitaminas e sais minerais, às nossas células.
- 5 — Todo mel natural cristaliza uniformemente, é uma garantia de pureza, e quem desejá-lo líquido, poderá passá-lo pelo banho maria, tendo o cuidado de não aquecê-lo além dos 70º, para não comprometer seu valor nutritivo.
- 6 — As deusas e musas da antiguidade se banhavam em mel e leite de cabra, para se manterem sempre jovens, com uma pele sedosa e sem rugas.  
— Tome sempre uma colher de sopa de mel ao deitar e ao levantar.

**Cera laminada para apicultores Bruno Schirmer tem aparelhagem para fornecimento de variada quantidade de cera alveolada em rolos por c\$.14,00 o quilo, em laminas cortadas em todos os tamanhos por c\$.15,00 o quilo  
97.100 Santa Maria Cx. Postal 472. R. S.**

**A COLMÉIA SCHIRMER É  
A MATEMATICAMENTE  
MELHOR DISTRIBUIDA,  
QUE APÓS 30 ANOS DE  
ESPERIÊNCIAS DESAFIA  
QUALQUER SIMILAR,  
PORQUE FOI É E SEMPRE  
SERÁ A COLMÉIA PADRÃO.**

### **Artigo extraído do jornal "EL TERRITORIO" de Posadas Argentina**

#### **OTRA VEZ LAS ABEJAS AFRICANAS Y OTROS ANIMALES**

Hace una semana el director del Colegio Hindenburg informó a la corresponsalia de EL TERRITORIO que horas antes, un enjambre de furiosas abejas, supuestamente de las llamadas africanas, invadió la casa del señor Kuttel, de Picada 16, y atacó a dos perros grandes que se hallaban atacados, ocasionándole la muerte a

uno de ellos y siendo grave el estado del segundo: simultáneamente las enfurecidas abejas atacaron a los miembros de la familia y el señor Kuttel que ya tenia informaciones, por noticias publicadas en nuestro diario, de la peligrosidad de estos animales, apenas alcanzó a cerrar puertas y ventanas, no pudiendo impedir que varias de ellas le clavaran su aguijón.

Otros vecinos informaron a nuestro matutino que es impresionante la cantidad de enjambres que diariamente pasan por las chacras. Desde el km 60, ruta a San Pedro, un conocido y estudioso apicultor, el señor Werzel, llegó hasta la correspondencia trayendo algunos ejemplares de las abejas que incursionan. Señala el señor Werzel que, a su criterio, no se trata de abejas africanas, propiamente dichas, sino de una especie mestiza, puesto que las franjas ventrales no coinciden con las descripciones de las técnicas y especialistas brasileños, alemanes e italianos, como tampoco con las que hacen apicultores de Africa. Agregó el visitante que se trata de una especie americana.

También expresó su profunda preocupación por el futuro de los colmenares, pues ha comprobado la existencia de una grave enfermedad nerviosa entre las abejas, enfermedad que las está llevando a la extinción. Dice que esa enfermedad nerviosa, probablemente, es la que les causa tal irritación que les induce a atacar a animales y a personas. Oportunamente EL TERRITORIO ampliará esta aseveración del señor Werzel.

### **ESCREVE O LEITOR**

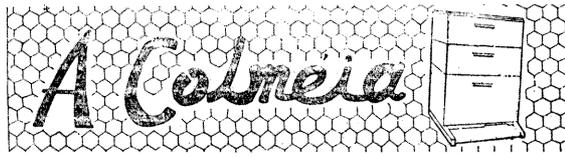
Ilmo. Sr. Bruno Schirmer  
DD. Diret. de A Colméia  
Santa Maria

Tenho a satisfação de me dirigir ao ilustre diretor, a fim de cumprimentar pelo aparecimento de A Colméia, órgão em que defende a apicultura e assuntos afins.

Os objetivos de A Colméia, expresso em seu editorial de lançamento, são os mais nobres e oportunos. Sei das dificuldades de preparo e manutenção de jornal técnico entre nós, mas espero consiga superar as mesmas e realizar o esforço a que está devotado em favor do ressurgimento da nossa apicultura.

Com estas congratulações e os votos de êxito para sua iniciativa, formulo protestos de elevado apreço.

Cordialmente,  
**Alberto André**  
Presidente da Assoc. Riog. de Imprensa.



Ano 1.º O Jornal de Santa Maria para todo brasileiro N.º 2

### Aumento artificial

#### Continuação da página 8

«cleo forte» e enquanto as colméias Schenk não estavam vendidas, sucedeu (como é comum), que as abelhas puxaram muitas realeiras em diversas colméias.

Quando as duas primeiras enxamearam, aconteceu outro erro: eu não tinha posto as melgueiras, porque pensava que tinham que encher primeiro a incubadora. (Este assunto será mencionado em aula, num futuro número de nosso jornal).

Após os dois enxames, com favos e realeiras, formei novas famílias, ate encher todas as 30 colméias

Neste 1º ano, a saíra do mel foi bastante grande. No dia 28 de dezembro de 1939, em um só dia, centrifugamos 30 colmeias com a centrífuga radial nova. Eramos três pessoas, desperculando os favos, que deram 24 latas de mel (a rigor — 672 Kg de mel) e mais 10 favos distribuídos para os amigos.

Colocamos uma das mais repletas e bonitas melgueiras na balança, centrifugamos os 8 favos, recolocamos a melgueira com os caixilhos vazios novamente na balança, tratando no peso 18 Kg entre mel e operculos.

Foi assim que pude vender 21 colmeias e ficar com mais 30.

(Tudo isto foi antes da Era do Warwick Kerr).

Na colmeia Schirmer, é sempre comum, de 2 melgueiras, correr através da centrífuga uma lata repleta de mel, além dos operculos, às vézezs gordos.

Durante o outono seguinte, eu mesmo fiz 60 núcleos, cada um com a capacidade de 6 caixilhos. Mandei razer mais colméias Schirmer (Na minha posterior mudança para Santa Maria, extraviaram-se minha correspondência e apontamentos).

Na primavera seguinte, fiz (veja novamente a página central do 1º número de «A Colméia») criar realeiras e enxertei-as na formação dos 60 núcleos. Meu apiário na cidade, em Júlio de Castilhos não comportava mais de 60 colméias e então instalei dois apiários na zona rural, mas eu não dispunha de tempo para cuidar muito.

Já tinha vendido as colméias Schenk, que nos primeiros dois anos deram bastante mel. 5 anos após, examinei algumas destas colméias, onde nunca tinha sido trocado, conforme minha recomendação, os favos de cria da incubadora.

Sucedeu mais um fato incrível: um dos apiários, que eu tinha instalado, gratuitamente e visitei-o após 28 anos, disse-me o proprietário, que nunca revisou a incubadora e todos os anos tirava o mel das melgueiras. As tabuinhas do apiário tinham apodrecido, a colmeia de cedro ainda estava resistindo, até que chegaram as abelhas bastardas do Kerr.

No 3º ano da colmeia Schirmer, fiz uma experiência, de quantas colméias pode se formar em um ano, subdividindo tecnicamente uma única colmeia. A colmeia Schirmer harmônica tem 12 caixilhos (veja novamente página central do nº 1 (um)).

Para esta experiência, usei núcleos de 6 caixilhos. Primeiramente este trabalho não pode ser feito no próprio apiário, e preciso possuir condução própria e diversas «filiais de apiários».

Criei as realeiras, dividi uma colmeia em 6, mas a rainha ficou na própria morada, com 2 favos de cria e o resto da colmeia cheia de caixilhos com lâminas inteiras. 70 dias após, pude fazer outra subdivisão.

A colmeia que forneceu os núcleos e ficou com a rainha, em fevereiro deu uma boa safra de mel. Os 5 núcleos subdividi, cada um em 3, novamente transportando-os a outros lugares.

Uma rainha perdeu-se, fiquei com 19 núcleos e uma colmeia forte (isto foi até o outono). No outono, como todos nós sabemos, floresce o eucalipto robusto, que fornece abundante safra de mel e pólen. Reforcei os 19 núcleos todos com um favo com bastante provisões e quando apareceram as primeiras flores de laranjeiras, transferei os 19 núcleos em bom estado para suas novas colméias, que na florada da «marimole», forneceram uma colheita de mel, saboroso, cor de ouro fluido.

Fiz os aumentos artificiais e os núcleos de abelhas dei de presente para muitos amigos e parentes.

A enxameagem eu evitava, ex-

tirando-lhes a cria de zangão.

Por esta simples razão de aumentar quantas colméias queremos, revoitei-me quando o povo, bom e de boa fé ficava contente, quando aparecia um enxame migratorio do Kerr, porque até então, não tivera oportunidade de ensinar como se deve cuidar de abelhas.

Os escribas e ambiciosos donos da apicultura não queriam que eu ensinasse, porque isto lhes causaria «eclipse total», um dia.

Agora tenho o que é meu, um órgão de imprensa, devidamente registrado, de acordo com as leis do país.

Removi muitas pedras do caminho, porém nunca é tarde para ensinar apicultura.

A destruição da nossa apicultura é pior que a destruição da apicultura da Inglaterra, que na época de 1905 — 1920 chamavam de doença da Ilha de Wright. Hoje sabe-se que foi uma epidemia de «nosema».

A Inglaterra toda, ficou sem apicultura, porém em poucos anos voltou a florescer uma esplêndida apicultura, que no mundo de hoje é um grande exemplo.

Na Inglaterra, naquela época, puderam reconstruir a apicultura com relativa facilidade, importando abelhas cárnicas.

E nós, aqui no Brasil? Como poderemos liquidar as abelhas bastardas em clima tropical?

Nos estados do sul, estes pestiais enxames já estão virtualmente liquidados, pela própria degeneração.

Mãos à obra, para o reerguimento de nossa secular apicultura, que mãos criminosas de um só homem tentou destruir. Este foi auxiliado e financiado por quem?

O Diretor

Apoie, assine e pague

« A COLMÉIA »

12 Páginas de grande utilidade tudo que interessa o Reerguimento da

Apicultura